

Karsenti, Bruno *L'Homme Total*. Sociologie, Anthropologie et Philosophie chez Marcel Mauss, Paris, PUF, 1997, 456 pp. ISBN: 2130486169

Mais notável do que o seu actual retorno, foi o esquecimento no qual caiu a obra de Marcel Mauss após a 2ª Guerra Mundial. Esquecimento relativo, é certo: as suas concepções mais poderosas - o sistema da dádiva e a noção de facto social total - nunca puderam ser completamente deixadas de lado, ainda que o primeiro tenha sido reduzido por Lévi-Strauss a um "sistema de trocas" e que a Segunda tenha sido transformada em princípio ideal, negligenciado na investigação efectiva e na teorização do objecto abstracto das ciências sociais: o fenómeno social enquanto tal.

No seu recente livro, *L'Homme Total*, Bruno Karsenti propõe-se recuperar e reinterpretar a "transformação global do saber sobre o Homem", da qual, segundo ele, enquanto "agente" e "testemunha", a obra de Marcel Mauss constitui o "epicentro" (p. 3). Da trama complexa e profusamente erudita da obra não nos é aqui possível apresentar senão uma pálida imagem. Limitamo-nos, por isso, a evocar alguns dos seus argumentos principais.

O ponto de partida da exposição é a aforia clássica das ciências sociais, a saber: a relação dos termos individual/colectivo.

A definição, em princípio metodológica mas, na prática, ontológica, que Durkheim dá de "facto social", não esclarece a articulação dos

dois termos. Antes a torna mais obscura ao basear a influência unilateral do colectivo sobre o individuo no postulado da "separação originária" (p.96) dos dois níveis de "realidade". Emerge assim essa "figura soberana e desincarnada das leis sociais" (p.97), as quais, todavia, manifestam a sua inconsistência quando postas em paralelo com a existência social concreta: a "situação vivida" ou, nos termos de Husserl, "a "sociabilidade viva" cujo sentido é imanente às vivências individuais" (p.97)

Face a este problema, Mauss reivindica o primado da descrição do facto social compreendido como realidade concreta e encarnada e a necessidade de "recompôr a sua estrutura própria, até à revelação da totalidade das relações que a constituem" (p. 10). Os modelos, simultaneamente explicativos e compreensivos, não devem preceder a descrição mas antes proceder desta, na articulação constante com os dados empíricos de que pretendem dar conta.

A introdução de Mauss foi, ao mesmo tempo, simples e genial: seria ao nível da própria descrição da vida social concreta que se tornariam visíveis: (1) as articulações conjugando os diferentes sub-grupos de uma sociedade; (2) a imbricação fenomenal das

categorias analíticas clássicas (o religioso, o económico, o jurídico, o estético, etc.); e (3) a articulação concreta dos níveis colectivo e individual - daí o seu preceito metodológico: “o que é necessário descrever, o que é dado a cada instante, é um todo social integrando indivíduos que são eles mesmos todos.” (Mauss, citado por Karsenti, p.27).

A exposição de Karsenti persegue a intuição maussiana, os seus percursos e os seus reflexos noutros autores.

À preeminência do laço causal, Mauss, segundo Karsenti, faz suceder o primado da *relação de tradução* segundo a qual o individual e o social/colectivo são concebidos como “planos paralelos que se exprimem um no outro segundo uma relação regulada (reglée) e, nessa medida, “descortinável” (p.140).

Neste sentido, Karsenti começa por elucidar, de um ponto de vista conceptual mas baseado na história das ciências sociais, as relações entre “linguagem e facto social” (p.133) para em seguida aproximar a concepção maussiana da existência social do modelo linguístico.

Tal como o fenómeno linguístico, o fenómeno social (no qual o primeiro se subsume) deve ser integrado em *sistema* e compreendido como *expressão*.

É, por isso, ao nível simbólico - i.e. ao nível do sentido - que, segundo a leitura de Karsenti, deve ser procurada a articulação entre os diferentes níveis e domínios de manifestação e/ou análise da existência social. É todavia necessário sublinhar que simbolismo e existência social concreta são compreendidos como consubstanciais e que aquele deve o interesse heurístico de que é objecto ao seu

carácter sistemático: o fenómeno social enquanto expressão tira o seu sentido não de um real ou hipotético referente mas da rede de sentidos que evoca, nela tomando, simultaneamente, posição.

Esta caracterização do objecto das ciências sociais obtém a sua plena ilustração na obra magna de Mauss, o “*essai sur le don*”, à qual Karsenti consagra a Quarta e última parte do seu livro. Trata-se de uma longa e cuidada demonstração que não cabe aqui retomar.

No fim, o relativo privilégio da leitura kojéviana da dádiva e da interpretação que Bataille fez do *Essai* (in *La Part Maudite*) põe em evidência o risco de parcialidade em que parecem incorrer as leituras mais filosóficas da obra de Mauss. As conclusões de Karsenti parecem, todavia, reconduzir o leitor a um caminho mais equilibrado e, sobretudo, à sua abertura, ainda largamente indeterminada:

“Encarado na sua constituição propriamente simbólica, o social deixa de ser pensado em termos de substância e de força; desligado de quaisquer pressupostos ontológicos, e de formalização que, do ponto de vista heurístico, têm por efeito subtraí-lo a uma leitura puramente causal e dispô-lo a uma abordagem cujo eixo é traçado por uma lógica expressiva e pela relações de tradução que esta ilumina.” (p.451)

“A figura do Homem (...) tece-se no plano fundamentalmente *desubjectivado* das conexões e das correspondências que são a verdadeira textura dos fenómenos humanos (...), independentemente de toda a referência a um foco do sentido ou a um sujeito fundador.” (id)